

## Nawabdin o Electricista

Distinguia-se por uma habilidade singular, uma técnica que permitia enganar a companhia de electricidade afrouxando as voltas do disco do contador e que ele praticava com tal astúcia que os clientes podiam fixar com uma margem de erro de cem rupias as poupanças mensais pretendidas. Neste deserto do Paquistão, nas costas de Multan, onde os furos de rega nos campos funcionavam dia e noite, a descoberta de Nawab eclipsava a da pedra filosofal. Alguns pensavam que se servia de ímanes, outros falavam de óleos pesados ou de pedaços de porcelana, outros ainda de certa substância extraída das colmeias. Os cépticos insinuavam que estava combinado com os empregados que faziam a leitura dos contadores. Fosse como fosse, este expediente garantia-lhe o emprego, dentro e fora da propriedade do seu patrão, K. K. Harouni.

A propriedade era ladeada por um caminho estreito e esburacado que dava acesso ao mercado, construído nos anos setenta, na altura em que Harouni gozava ainda de algum ascendente sobre a burocracia de Lahore. Um deserto ora cor de pele de búfalo, ora de uma brancura de sal, alastrava entre os campos de cana de açúcar e de algodão, entre plantações de manga, de trevo ou de trigo, diariamente banhadas pelos furos de rega, dos quais se ocupava Nawabdin o Electricista. Ao começar o trajecto das suas manhãs itinerantes, chamado para reparar um motor avariado, Nawab deslocava-se aos solavancos na sua bicicleta, com as suas antenas flexíveis e as suas flores de plástico ondulando. As suas ferramentas, entre as quais se destacava um martelo de três libras e de cabeça redonda, chocalhavam num saco de pele sujo, pendurado do guiador. Os jornaleros agrícolas e o capataz esperavam-no à sombra fresca das figueiras-de-bengala, ali plantadas havia alguns anos, a fim de proteger os poços do sol. “Nada de chá, nada de chá”, repetia ele, afastando com a mão a chávena fumegante.

Com o martelo a oscilar como o machado de guerra de um selvagem, Nawab entrava na construção suja de óleo que albergava a bomba e o motor eléctrico. Silêncio. Nawab punha-se de cócoras. Os homens apinhavam-se à porta, até ele começar a gritar que precisava de luz. Enfrentava com cautela, mas com os nervos à flor da pele, o objecto incriminado; andava à volta dele, dava-lhe algumas pancadas ligeiras, começava a atrever-se a outras liberdades, punha-se à vontade, sorvia uma chávena de chá ao lado do motor e, por fim, deitava mãos à tarefa de o desmontar. Com a chave de parafusos muito comprida e usada, que era uma alavanca suficiente para levantar algum pedaço de pedra, batia nas chapas que protegiam os recônditos do mecanismo. Um parafuso soltava-se e perdia-se no escuro. Ele pegava então no martelo de cabeça redonda e desferia um golpe habilidoso. A tentativa gorava-se. Depois de reflectir, mandava um dos jornaleiros buscar um pedaço de pele grossa para que o embebesse na seiva viscosa do tronco de uma das árvores de manga vizinhas. E assim ia passando o dia inteiro, enquanto a tarde avançava, com Nawab experimentando uma solução a seguir à outra, aquecendo os tubos, arrefecendo-os, ligando fios, manipulando interruptores e fusíveis. E apesar de tudo, sem se saber como, coroando o seu génio em matéria de pura improvisação, os motores das bombas continuavam a funcionar.

Fora boa ou má sorte de Nawab ter casado ainda novo com uma mulher meiga, que ele adorava, mas cuja fertilidade não tinha igual — e a mulher continuava a dar-lhe filhos a intervalos de pouco mais, se não de menos, de nove meses. Filhos que eram sempre filhas, meninas que se sucediam, esta àquela e aquela àqueloutra, até ter chegado a vez do tão esperado varão, e Nawab se ter visto rodeado de uma equipa completa de doze filhas, cujas idades se distribuíam entre os zero e os onze anos, e, por fim, daquele único filho rapaz e desemparelhado. Se ele fosse governador do Punjab, os dotes das filhas tê-lo-iam levado à miséria. Sendo um pobre electricista e mecânico, ainda que de mão hábil, a possibilidade de vir a casá-las todas parecia fora de causa. Ninguém no pleno gozo das suas faculdades mentais, e fosse qual fosse a taxa de juro, lhe emprestaria uma quantia suficiente para a aquisição dos objectos necessários: para cada uma das filhas, uma cama, uma credência, uma arca, um ventilador eléctrico, pratos, seis trajos completos para o marido, seis para a mulher, talvez uma televisão, e assim por diante.

Um outro homem poderia deixar cair os braços, mas Nawabdin não. As filhas eram um acicate para o seu engenho, e todas as manhãs ele via com orgulho ao espelho o rosto de um guerreiro que se preparava para

partir para a batalha. Naturalmente, Nawab sabia que precisava de multiplicar as suas fontes de receita: o salário que recebia de K. K. Harouni em troca da manutenção dos furos nem de longe seria suficiente. Construiu um pequeno moinho com uma só divisão, que funcionava graças a um motor eléctrico que fora — pelos seus próprios critérios — considerado inutilizável. Experimentou a piscicultura numa pequena charca que ficava nas extremas de uma das terras do patrão. Comprava aparelhos de rádio estragados e reparava-os para depois os revender. Não recuava tão-pouco quando lhe pediam que se ocupasse de relógios, embora fosse uma actividade em que os seus resultados eram espectacularmente desastrosos, valendo-lhe de facto mais aflições do que alegrias, uma vez que de todos os relógios que desmontara não houvera um só que voltasse a funcionar.

K. K. Harouni visitava raramente os seus domínios, pois passava quase todo o tempo em Lahore. Sempre que o velho senhor se mostrava, Nawab passava dia e noite diante da porta que, da grande divisão ocupada pelos servidores da casa, dava para o jardim de velhas figueiras-de-bengala murado, no meio do qual se erguia a casa colonial ao estilo de outrora. Grisalho, com os seus curiosos óculos de aviator tortos e sujos, Nawab ocupava-se dos electrodomésticos, dos climatizadores, dos esquentadores, dos frigoríficos e bombas de água, como um engenheiro que se ocupasse das caldeiras de um vapor prestes a afundar-se no meio de uma tempestade no Atlântico. Por meio de esforços sobre-humanos quase conseguia manter K. K. Harouni no mesmo aconchego mecânico, fresco, limpo e iluminado, de que o latifundiário desfrutava em Lahore.

Harouni acabou, evidentemente, por tratar familiarmente aquele homem ubíquo, que não só o acompanhava nas suas visitas de inspecção, mas passava ainda manhã e noite nas imediações da cama do patrão, tratando das luzes, ou presidia ao seu banho, ocupando-se de lhe garantir água quente. Por fim, uma noite, à hora do chá, escolhendo o momento psicológico mais favorável, Nawab pediu licença para dizer duas palavras ao patrão. O senhor, que limava animadamente as unhas diante de um lume crepitante de pau-rosa, disse-lhe que falasse.

“Senhor, como é do seu conhecimento, as suas terras estendem-se daqui até ao Indo, e nessas terras há nada menos do que dezassete furos de rega, e para se ocupar desses dezassete furos há um só homem, que sou eu, seu servidor. Foi ao seu serviço que fiquei com estes cabelos grisalhos”, e, ao dizê-lo, Nawab levantou o chapéu para mostrar o cabelo grisalho, “e agora já não posso cumprir as minhas obrigações como deve ser. Já basta, senhor, já basta. Rogo-lhe que perdoe a minha fraqueza.

Mais me vale viver numa casa às escuras e ter dentro de mim uma altiva fome do que sofrer a desonra à luz do sol. Deixe que me despeça, é o que lhe peço, o que lhe suplico.”

O velho, habituado a discursos semelhantes, ainda que em geral não tão floridos, continuou a limar as unhas e esperou que a agitação serenasse.

“Qual é o problema, Nawabdin?”

“O problema, senhor? Oh, mas que problema poderia eu ter ao seu serviço? Comi do seu sal durante muitos anos. Mas, senhor, continuar a andar de bicicleta, com estas velhas pernas e com todos os azares que sofri depois daquelas máquinas pesadas me caírem em cima... Já não posso andar de bicicleta de uma propriedade para outra, como fazia a princípio, quando tive a sorte de começar a servi-lo. Peço-lhe, senhor, que me deixe despedir-me.”

“E qual será a solução?”, perguntou Harouni, adivinhando que tinham tocado o fundo do problema. Pouco lhe importava a maneira de resolver o problema, contanto que o seu conforto fosse salvaguardado, esse aspecto importante entre todos para ele.

“Pois, senhor, se eu tivesse uma motorizada, sempre poderia continuar a trabalhar, pelo menos até ter acabado de ensinar para me substituir um homem mais novo do que eu.”

A colheita anual fora boa, Harouni sentia-se benevolente diante do lume e, por isso, para grande frustração dos administradores do domínio, Nawab obteve dele uma motorizada de marca nova, uma Honda 70. E conseguiu ainda um subsídio extra para o combustível.

A motorizada prestigiou o seu estatuto, aumentou a sua importância, e as pessoas começaram a tratá-lo por “Tio” e a perguntar-lhe o que pensava dos assuntos do mundo, temas que ele ignorava por completo. Poderia agora alargar o seu raio de acção, aumentando muito o movimento dos seus negócios. Mas, sobretudo, poderia passar todas as noites com a sua mulher, que lhe implorara que não se mudasse para os domínios de Harouni, mas continuasse junto da família, em Firoza, onde pelo menos as duas filhas mais velhas teriam acesso a uma melhor instrução. Uma longa estrada em linha recta descia das instalações do canal, nas imediações de Firoza, e continuava até ao Indo, passando bem pelo meio das terras de K. K. Harouni. A estrada corria por cima do traçado de uma antiga estrada principal, construída nos tempos em que aquelas terras faziam parte de um principado. Havia cerca de um século e meio, um príncipe percorrera esse caminho a cavalo para assistir a um casamento ou a um funeral naquelas paragens remotas e, incomodado pelo calor,

ordenara que fossem ali plantados paus-rosa cuja sombra refrescasse os viandantes. Poucas horas depois esquecera-se já da ordem que dera, e poucos anos mais tarde ele próprio estaria esquecido, mas as árvores ainda ali estavam, agora enormes, e algumas já mortas, descascadas, brancas e sem folhas. Nawab acelerava montado na sua motorizada nova, com sacos e panos pendurados de todos os manípulos ou saliências, de tal maneira que, sempre que se aproximava da berma, a motorizada parecia agitar um sem-número de pequenas asas rudimentares; e o seu condutor, ao chegar a um furo no qual fosse necessária a sua intervenção, causava sensação pela velocidade a que conduzia, com o rosto sorridente e as orelhas que se diriam prestes a descolar-se-lhe da cabeça.

Vistas pelos olhos de outra pessoa, os dias de Nawab pareceriam tão erráticos como os de uma borboleta: de casa do administrador-mor, que visitava de manhã para apresentar àquele os seus diligentes respeitos, era enviado a um ou outro dos furos de rega; pedalava depois por entre a poeira da estrada de terra até Firoza, correndo por entre os paus-rosa como um projectil sonoro, vagueando pela cidade, arranjando maneira de se ocupar de algum dos seus negócios particulares, como chegar a acordo sobre a distribuição dos primeiros melões de Inverno que amadureciam no quintal do primo, ou contar a sua metade de uma ninhada de pintos, antes de voltar na direcção de Dunyapur, e assim continuar no seu vai-vém. Os mapas sobrepostos dos dias que assim passava seriam um labirinto impossível, mas o certo era que todas as manhãs ele tornava a partir do mesmo ponto ao qual regressava com a noite, quando, fatigado, na penumbra, desligava a motorizada e a arrastava passando por debaixo da arquitrave de madeira da porta de acesso ao pátio, ouvindo os estalidos do motor que arrefecia. Assim, todas as noites, Nawab arrumava a motorizada deixando-a no seu suporte e esperava que as suas filhas, todas as suas filhas, aparecessem e saltassem sobre ele para o abraçar. No seu rosto, nesse momento, era frequente estampar-se a mesma expressão, uma expressão de alegria infantil, formando um contraste estranho, como que triste, com o peso que lhe marcava as feições, com as suas rugas e a barba hirsuta. Depois arrebitava o nariz e cheirava o ar, tentando descobrir o que fizera a mulher para a ceia; ia ter com ela à cozinha, onde a encontrava sempre na mesma atitude, tratando de lhe preparar o chá e a avivar o lume do pequeno lar.

“Olá, meu amor, minha doçura”, disse-lhe ele carinhosamente uma noite, ao entrar na cabana escura que lhes servia de cozinha, com as paredes de terra enegrecidas pela fuligem. “O que é que fizeste nesta panela